

5

O povo de papel

A partir de 1917, Lobato dará início a uma série de experiências editoriais, a primeira das quais é o livro *O saci-pererê: resultado de um inquérito*, curioso volume por ele organizado reunindo respostas de leitores ao questionário sobre o saci, divulgado n’*O Estadinho*, versão vespertina de *O Estado de São Paulo*:

O “Estadinho” abre suas colunas para esta investigação e pede aos seus leitores um depoimento honesto:

1º) sobre a sua concepção pessoal do Saci; como a recebeu na sua infância; de quem a recebeu; que papel representou tal crendice na sua vida, etc.;

2º) qual a forma atual da crendice na zona em que reside;

3º) que histórias e casos interessantes, “passados ou ouvidos” sabe a respeito do Saci.¹

A acolhida dos leitores ao questionário é considerada muito boa e Lobato, sob o pseudônimo de “Um Demólogo Amador”, organiza os depoimentos que chegam por carta, compondo o volume referido que sai em 1918. O livro tem um caráter de pesquisa etnográfica, e se articula perfeitamente com o esforço de valorização da cultura nacional empreendido pelo grupo de intelectuais reunidos na *Revista do Brasil*. Na mesma época, Lobato promove uma exposição de artes plásticas com obras de artistas convidados a tematizar este mito “genuinamente brasileiro”, algumas das quais reproduz no livro. Todo o material por ele coletado e organizado serviria igualmente de base para a elaboração de *O saci*, história destinada ao público infantil, publicada em 1924.

A dedicatória, a apresentação e o prefácio de *Resultado de um inquérito*, do qual é reproduzido o trecho a seguir, foram escritos por Lobato e são bastante esclarecedores do espírito presente nesta e em outras obras do autor:

Disto se conclui que o povo é o grande criador, e que o artista tem por missão operar como o instrumento estético por meio do qual o povo dá corpo definitivo e harmônico aos seus ingênuos esboços.

Temos nós, no seio da massa popular, matéria prima digna de ser plasmada pelas mãos da arte? Sim. Não tão abundante e rica como a tinha o grego, povo eleito da Harmonia; mas rica e abundante no suficiente [sic] para darmos ao mundo uma contribuição vultosa de criações originais.

¹ LOBATO, *O Sacy-Pererê: Resultado de um inquérito*. p. 21-22.

Basta que o nosso artista, se é um garimpeiro de talento, mergulhe no seio do povo e lá bateie na ganga rude o ouro de lei.²

Lobato se posiciona claramente sobre o que julga ser o bom método de trabalho para o escritor de seu tempo, e que será por ele adotado quando da elaboração de muitas de suas narrativas ficcionais: mergulhar no seio do povo, o grande criador, e servir de instrumento estético, de mediador, para dar a forma adequada àquilo que capta.

Silviano Santiago aponta em Lobato certas características pós-românticas, entre as quais estaria o desejo de ser o reprodutor fiel das histórias ouvidas, sem “deturpá-las”:

Em Lobato, a subjetividade criadora conta pouco; conta mais o gosto de “apanhar” a história alheia, típico de escritor que é um terço viajante, outro terço detetive e, finalmente, civilizador. [...] Suas divagações por assim dizer poéticas seguem de perto a lição da geração de 70, de Sílvio Romero e José Veríssimo, e se resumem à crítica das idealizações nacionalistas feitas pela literatura romântica.³

É notório que Lobato tem Romero em alta conta, como se pode ver na apresentação bem-humorada que abre o livro *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*, em que transcreve uma carta supostamente recebida, onde se lê:

Nossas bibliotecas públicas possuem nas estantes gramáticas célticas em 20 volumes, in 4º, mas não se dão à pacholice de conspurcar o nobre ambiente livresco com velharias de Mello Moraes, Sílvio Romero e mais poucos estudiosos destas bobagens folclóricas.⁴

Muitos anos depois, em 1937, quando for escrever as *Histórias de Tia Nastácia*, um apanhado de exemplares da literatura oral brasileira destinado ao público infantil, Lobato vai recorrer a compilações já existentes, notadamente a de Sílvio Romero, de 1890, e fazer sua própria seleção e versão. *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*, é dedicado à figura inspiradora de Tia Nastácia, personagem da série infantil e moradora do Sítio do Picapau Amarelo:

À memória da saudosa tia Esméria, e de quanta preta velha nos pôs, em criança, de cabelos arrepiados com histórias de cucas, sacis e lobisomens, tão mais interessantes que as larachas contadas hoje aos nossos pobres filhos por umas lambisgóias de touca branca, numa algaravia teuto-italo-nipônica que o diabo entenda.⁵

² LOBATO, *O Sacy-Pererê: Resultado de um inquérito*. p. 19.

³ SANTIAGO, “Um dínamo em movimento”, p.8.

⁴ LOBATO, *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. p. 14.

⁵ LOBATO, *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*, p. 6.

É evidente a comunicação entre as obras de “literatura geral” e as de “literatura infantil” (conforme a designação do próprio Lobato, quando preparou a edição das *Obras Completas*), já que as duas séries se constituem parte do mesmo projeto de construção, via literatura, da identidade nacional. Em carta a Godofredo Rangel, em setembro de 1916, registra o que julga ser uma necessidade: a criação de um repertório de histórias brasileiras para crianças:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. [...] Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. [...] É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o *Coração* de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos...⁶

Mais uma vez vemos confirmada a íntima relação entre as experiências vividas por Lobato e seu processo de escrita: é o amante dos livros que, desejoso de iniciar os filhos nos prazeres da leitura e não encontrando o que considere a altura de suas exigências, lança-se ele mesmo na tarefa de preencher o vazio, produzindo “a literatura que nos falta”. Histórias que contribuam na formação de “brasileirinhos”.

Alguns anos depois, no artigo “Os livros fundamentais”, incluído no volume *A onda verde*, de 1920, uma reunião de textos de opinião que circularam em periódicos, Lobato tratará publicamente de suas preocupações com as possíveis consequências, na formação do caráter dos jovens, da leitura das obras a eles oferecidas:

Entre nós, por exemplo, é fácil seriar as leituras que conformam a mentalidade do povo.

O menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força, os horrorosos livros de leituras didáticas que os industriais do gênero impingem nos governos. Coisas soporíferas, leituras cívicas, fastidiosas patriotices, Tiradentes, bandeirantes, Henrique Dias, etc. Aprende assim a detestar a pátria, sinônimo de seca [sic], e a considerar a leitura como um instrumento de suplício.

A pátria pedagógica, as coisas da pátria pedagógica, a ininterrupta amolação duma pátria de fancaria empedagogada em estilo melodramático, e embutida a martelo num cérebro pueril que sonha acordado e, fundamente imaginativo, só pede ficção, contos de fada, história de anõezinhos maravilhosos, “mil e uma noites” em suma, apenas consegue uma coisa: fazer considerar a abstração “pátria” como um castigo da pior espécie. Mais tarde, possam eles! E estão vendendo, estão traindo, por espírito de vingança, essa pátria desagradável,

⁶ LOBATO, *A barca de Gleyre*, 2. t., p. 104.

maçadora, secante, que lhes encruou os melhores dias infantis. Além disso, sai o menino de escola com esta noção curiosíssima, embora lógica: a leitura é um mal, o livro, um inimigo; não ler coisa alguma é o maior encanto da existência.⁷

Lobato, escritor e editor atento e preocupado com os leitores que parecem não gostar de ler, vai encontrar nos livros oferecidos às crianças a causa do problema: histórias desinteressantes, cansativas, “falsas”, que além de afastar os jovens dos livros, afasta-os também do “verdadeiro” patriotismo, ao apresentar-lhes uma pátria “artificial” com a qual é impossível identificarem-se. Inserindo-se no debate sobre a cultura nacional, Lobato está dialogando com seus contemporâneos e atualizando a herança dos primeiros folcloristas. Segundo André Luiz Vieira de Campos, a expressão mais significativa deste novo nacionalismo teria sido a fundação, em 1916, da *Revista do Brasil*, que no editorial de seu primeiro número revelava seu projeto e se propunha a atuar

... provocando estudos do passado, que nos desvendarão nas coisas e nos homens, uma larga fonte de inspiração, de amor e de orgulho e estimulando todas as energias atuais para um trabalho de observação e criação científica e literária, que nos patenteie a todos a profundez e a riqueza de nossos tesouros intelectuais [pois] o nosso povo precisa aprender, ou recordar, que há no seu sangue e na sua tradição esta força imponderável que [...] nos reserva [...] um lugar especial e honroso [ao lado de outras nações].⁸

De todo modo, o nacionalismo, ainda que de diferentes matizes, é, segundo o mesmo autor, uma das marcas de obra de Lobato,

a preocupação de construir o Brasil como nação faz com que Lobato – acompanhando o movimento de vanguarda da época – se volte para os problemas e os temas nacionais, em busca da autonomia do pensamento brasileiro, num nacionalismo cultural, muitas vezes mais regional que propriamente nacional, mas que preparava o terreno das idéias para o movimento modernista inaugurado em 1922.⁹

Nacionalismo que norteia também sua atividade de crítica de arte, por meio da publicação sistemática de artigos no jornal *O Estado de São Paulo* e na *Revista do Brasil*, recolhidos no livro *Idéias de Jeca Tatu*, editado em 1919, nos quais Lobato trata principalmente de artes plásticas, reafirmando a necessidade de que a produção dos artistas brasileiros seja expressão de nossa cultura e não uma imitação “macaqueada” dos modelos estrangeiros. O artigo sobre a exposição da

⁷ LOBATO, “Os livros fundamentais”, in *A onda verde*, p. 84

⁸ Editorial da *Revista do Brasil*, 1916, v.1, p. 1-5. Apud CAMPOS, *A república do picapau amarelo*, p. 25.

⁹ CAMPOS, *A república do picapau amarelo*, p. 23.

pintora Anita Malfatti, publicado originalmente em jornal em dezembro de 1917 e incluído no livro com o título “Paranóia ou mistificação”, passaria a ser apontado posteriormente como causador da polêmica que afastaria de Lobato as figuras do Movimento Modernista. Encontram-se também neste volume um artigo sobre o saci, personagem do folclore brasileiro objeto do *Inquérito* citado e de um futuro livro da série infantil, e um outro sobre a origem das lendas, tema que será abordado por Dona Benta em *Histórias de Tia Nastácia*. Posteriormente, o volume *Idéias de Jeca Tatu* das obras completas terá novos artigos incluídos, sobre literatura e arquitetura, como mostra Tadeu Chiarelli em seu estudo sobre a crítica de artes plásticas de Lobato, *Um jeca nos vernissages*,¹⁰ que será comentado adiante.

Note-se que o personagem Jeca Tatu, que dá nome ao livro, criado em 1914 por Lobato como símbolo da indolência e atraso do “homem rural”, passa por diversas transformações, chegando a tornar-se naquele momento uma espécie de alter-ego do escritor, que atribui ao personagem as próprias idéias.

Embora já havendo anteriormente publicado algumas histórias infantis que se passam no sítio do Picapau Amarelo, somente no livro *O Saci*, lançado em 1921, o sítio será objeto de minuciosa descrição, a qual servirá para situar geográfica e socialmente os personagens da história.

No terreiro do Sítio, em frente à varanda, havia sempre um mastro de São João, que Pedrinho fincava na véspera do dia desse santo, a 24 de junho, quando vinha pelas férias. Ele mesmo cortava o pau no mato, ele mesmo o descascava e pintava inteirinho, com arabescos vermelhos, amarelos e azuis. No topo do mastro colocava a “bandeira de São João”, que era um quadrado de sarrafo, espécie de moldura, na qual pregava com tachinhas um retrato de São João meninote com um cordeirinho no braço. Essas bandeiras, estampadas em morim, custavam \$1,50 na venda do Elias Turco, lá na estrada.

O terreiro era vedado por uma cerca de paus a pique – rachões de guarantã. Bem no centro ficava a porteira. Para lá da porteira era o pasto, onde havia um célebre cupim de metro e meio de altura; e mais adiante, um velho cedro ainda do tempo da mata virgem. Através do pasto seguia o “caminho” – ou a estrada que ia ter à vila, a légua e meia dali. No fim do pasto, perto da ponte, apareciam a casinha do tio Barnabé e a figueira bem grande; e bem lá adiante, o Capoeirão dos Tucanos, uma verdadeira mata virgem onde até onça, macucos e jacus havia.¹¹

Esta descrição se dá logo nas primeiras páginas do livro, que desde o título – *O saci* – se propõe a tratar de folclore, sendo portanto logo introduzido o universo da cultura popular na referência à festa de São João e à importância que

¹⁰ CHIARELLI, *Um jeca nos vernissages*.

¹¹ LOBATO, *O saci*, p. 17.

Pedrinho dá a ela. Cuidando de, ele próprio, levantar o mastro e instalar nele a bandeira do santo, o menino que vive na cidade e passa as férias no sítio da avó se mostra à vontade no meio rural, transitando pelos dois universos culturais – o urbano, letrado e o rural, popular – e legitimando-os igualmente.

Um outro dado importante na apresentação do sítio de Dona Benta é a “cerca de paus a pique” que “veda” o terreiro, e que faz lembrar, por oposição, a casa do caboclo descrita no artigo “Urupês”, em torno da qual o mato avança sem encontrar obstáculo – “Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O mato o beira.” – e que o Jeca não vê motivo para “vedar”, por julgar que “não paga a pena”. O terreiro da casa do sítio do Picapau Amarelo, ao contrário, bem cercado, revela o cuidado de seus moradores em manter delimitado o espaço que ocupam, deixando-o ao abrigo da profusão de seres desregrados que habitam a mata.

A geografia do Picapau Amarelo reproduz o mapa da sociedade brasileira: no centro, casa da senhora e proprietária, e na periferia, já quase entrando na mata, na fronteira entre “cultura” e “natureza”, a casa do ex-escravo, representante do “povo” do qual “emanam” as histórias que serão contadas no livro, como a do saci que lhe serve de título. Geografia que representa também as trocas e tensões dos saberes mais ou menos valorizados socialmente: no centro, a erudição de Dona Benta, e na periferia o atavismo de tio Barnabé.

Marisa Lajolo aponta o que considera ser uma grande qualidade na obra de Lobato: a de fundir o Brasil arcaico de Tia Nastácia, de Tio Barnabé e do coronel Teodorico com o Brasil moderno que encontra petróleo, fala ao telefone e viaja à Lua.¹² Todavia, mais do que fusão, parece prevalecer a simples coexistência desses dois brasis, uma vez que Tia Nastácia não chega a ser capaz de se adaptar à modernidade. Sua fala é sempre de desconfiança em relação ao novo e de resgate dos valores e saberes tradicionais, sendo identificada como “atrasada” pelos outros personagens, principalmente por Emília, a boneca feita por ela. Coexistência de diferentes tempos históricos que a narrativa de Lobato explicita, acirrando as contradições dela resultantes sem procurar resolvê-las ficcionalmente, ficando a função de apontar soluções para seus artigos jornalísticos. Talvez por este motivo seus textos ficcionais resultem mais densos e complexos, fugindo aos esquemas adotados pelo publicista.

¹² LAJOLO, *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, p. 62.

É à Tia Nastácia, portanto, que Pedrinho vai recorrer para pedir explicações sobre o saci. Ela responde, depois de fazer o “pelo-sinal” e dizer “Credo!”, na condição de representante do saber popular, de fora do universo letrado e ilustrado: “– Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci.” E, para concluir, recomenda que Pedrinho consulte o Tio Barnabé: “– Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de saci, de mula-sem-cabeça, de lobisomem – de tudo.”¹³

Tio Barnabé é exatamente o negro velho, desses que sempre viveram “no meio do mato” aos quais se refere Tia Nastácia, como já se anunciava pela localização de sua casa ao lado da “mata virgem”. Na organização do espaço do Sítio, é ele que se mantém em contato estreito com a natureza e seus mistérios, cenário para as narrativas que se fundam na “alma do povo”, às quais Pedrinho (e com ele cada leitor) terá acesso. Tia Nastácia e Tio Barnabé são personagens que se alinham ao Jardineiro Timóteo, do conto de mesmo nome, e ao velho escravo alforriado que acolhe os dois rapazes em meio à tempestade, no conto “Os negros”, ambos atualmente incluídos no livro *Negrinha*. São representantes de um mundo alheio à cultura letrada, herdeiros e depositários da sabedoria de seus antepassados a eles transmitida pela tradição oral. Numa época em que se acelera o processo de urbanização, textos ficcionais que apresentam o ambiente rural e a vida de seus habitantes, muitos dos quais descendentes de africanos, embora soem como passadismo podem ter a função de tirar da zona de sombra estas porções esquecidas do território nacional, mantido fora do alcance dos holofotes voltados para as cidades que se embelezam.

O nacionalismo de Lobato difere daquele que Antônio Cândido apresenta como legado do Romantismo, baseado sobretudo na exaltação de um passado mítico e de um futuro promissor, marcado pela “consciência amena do atraso” que corresponde à ideologia de “país novo”¹⁴ e que para Jesús Martín-Barbero é reflexo do esforço de legitimação de um Estado constituído à revelia da maior parte de sua população.¹⁵ Lobato diverge do ufanismo eufórico e aponta as

¹³ LOBATO, *O saci*, p. 22.

¹⁴ CÂNDIDO, “Literatura e subdesenvolvimento”, p.142.

¹⁵ MARTÍN-BARBERO, *Dos meios às mediações*, p. 227-8.

contradições e mazelas de uma modernização parcial e excludente, voltada para modelos externos, que empurra para a periferia e para a miséria uma grande parcela da população, sobretudo no meio rural, mantida fora do sistema de produção e circulação de mercadorias – atitude crítica que Antonio Candido identifica na literatura brasileira somente a partir de 1945, como consequência da “consciência catastrófica do atraso” que corresponderia à noção de “país subdesenvolvido”¹⁶. Ignorando a produção de Lobato, que não se enquadra naquilo que o ensaísta aponta como características dos textos regionalistas do período pré-modernista, deixa de considerar o que parece ser uma linhagem (talvez paralela ou subterrânea) de escritores que concebem a literatura como instrumento de intervenção na sociedade, linhagem que inclui Euclides da Cunha e Lima Barreto, como mostra Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão*, e da qual a obra de Lobato é tributária.

Ainda em 1918, em carta destinada a Teófilo Siqueira, Lobato volta a falar criticamente da realidade nacional:

Nós não temos certeza do nosso futuro, de uma sobrevivência como povo. Assistimo-nos morrer. Cada dia que se passa desaparece mais um bocado. Aparentemente esse decair é insensível – insensível como a marcha do ponteiro grande dos relógios. Mas um secreto mal-estar nos avisa disso. Daí a tristeza indefinível de todos neste país, de todos os que pensam, e sem o querer observam. Pois não é de entristecer, aqui em S. Paulo, vemos acentuar-se cada vez mais a vitória do estrangeiro? Ontem fui à exposição industrial e saí entenebrecido. Dois expositores brasileiros! Dois só! O que o português fez com o aborígine, fazem hoje os nossos adventícios com os descendentes dos portugueses. Alijam-nos de dentro de nossa própria casa – com o auxílio de brasileiros governantes, inconscientes, abrigado a eles [sic]. Os aspectos tristes dos Urupês, a impressão que tais contos causam, vem disso, certamente. Sem intenção nenhuma, sem *parte-pris* [sic] de minha parte, esse estado d’alma geral ali se refletiu. É a razão da boa acolhida que tem tido o livro. Acolhida muito maior do que eu poderia esperar. Já vendi 2800 exemplares em pouco mais de 3 meses, e já cuido de uma 3.^a edição de mais de 4000. Veja você, caro Teófilo, quanto isso é significativo... O segredo do livro é esse: interpretar fielmente um sentimento vago, indefinível, mas geral.¹⁷

Este mal-estar generalizado que Lobato acredita captar, como “harpa eólia”, e traduzir em seu livro, o que justificaria seu sucesso, poderia ser superado por uma reforma da sociedade que incluísse os segmentos até então abandonados pelas elites no poder, através do que André Luiz Vieira de Campos identifica ser um projeto de “regeneração” da sociedade, que se viabilizaria pelo tripé

¹⁶ CÂNDIDO, “Literatura e subdesenvolvimento”, p.142.

¹⁷ LOBATO, *Cartas escolhidas*, 1. t., p.174. Grifos do autor.

saneamento-educação-trabalho. Para este autor, Lobato seria o porta-voz de um pensamento liberal que vai tendo cada vez menos espaço ao longo dos anos 20 e 30, em que o debate político fica dominado no Brasil pelo centralismo de estado, quer de direita, o fascismo, quer de esquerda, o comunismo. A trajetória de Lobato revela alterações na forma como compreende os problemas sociais e os empecilhos à criação de uma Nação de fato, em que todos sejam cidadãos. Um exemplo dessas mudanças é o tratamento que dá ao personagem Jeca Tatu, que sofreu profundas alterações.

Em carta a Godofredo Rangel datada de 1917, época em que está envolvido com a preparação de *O Saci: resultado de um inquérito*, Lobato já se mostra simpático ao Jeca:

Meu Saci está pronto, isto é, composto; falta só a impressão. Meto-me pelo livro a dentro a corcovear como burro bravo, em prefácio, prólogo, proêmio, dedicatória, notas, epílogo; em tudo com o maior desplante e topete deste mundo. Ontem escrevi o Epílogo, coisa mais minha que fiz até hoje – e concluo com a apologia do Jeca. Virei a casaca. Estou convencido de que o Jeca Tatu é a única coisa que presta neste país.¹⁸

A personagem Jeca Tatu alcançará grande projeção, pela polêmica que instaura, quando for publicado *Urupês*, no ano seguinte, e for citada por Rui Barbosa em sua campanha eleitoral em 1919. Desde então passa a constituir o repertório de imagens recorrentes do homem brasileiro, transportando-se para as telas de cinema na interpretação de Mazzaropi, que cristaliza no Jeca a visão que a população dos centros urbanos tem do habitante do interior.

Condenado a princípio, o Jeca será absolvido por seu autor quando este identificar na precariedade de sua saúde a causa dos males do caipira. Ainda em 1918 publica uma série de artigos no jornal *O Estado de São Paulo* em que aborda em tom indignado os problemas de saúde da população rural. Os títulos dos artigos falam por si: “Dezessete milhões de opilados”, “Três milhões de idiotas e papudos”, “Dez milhões de impaludados”. Lobato, falando do equívoco que fora atribuir à mestiçagem o caráter indolente do Jeca, se retrata:

A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol.
Mas é um homem em estado latente.
Possui dentro de si grande riqueza em forças.
Mas força em estado de possibilidade.

¹⁸ LOBATO, *A barca de Gleyre*, 2. t., p. 160.

E é assim porque está amarrado pela ignorância e pela falta de assistência às terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, caquetizam o corpo e atrofiam o espírito.

O caipira não “é” assim. “Está” assim.¹⁹

Os artigos foram reunidos em seguida no livro *Problema vital*, publicado por iniciativa da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil e coube ao Dr. Renato Khel, secretário das duas instituições, compor o prefácio. Nele, o médico afirma a importância da divulgação do quadro sanitário do país, empreendida por Lobato com seus artigos de jornal que funcionaram como “alavancas que nos deslocaram do enervante estado de apatia” em que jaziam as autoridades, obrigando-as a conhecer “os males que urgia serem combatidos”.²⁰ São apelos inflamados a favor dos “jecas” pobres e adoentados:

Acoimam de anti-patriota quem diz às claras o que é, o que está, o que urge fazer. Patriotismo! Como anda esta palavra desviada do verdadeiro sentido!...[...]

A esta hora milhões de verdadeiros patriotas lá estão no eito, porejantes de suor, na faina da limpa e do plantio. Febrentos de maleita, exaustos pelo amarelão, espezinhados pelo ácaro político, lá estão cavando a terra como podem, desajudados de tudo, sem instrução, sem saúde, sem gozo da mais elementar justiça. Estão “fazendo” patriotismo, embora desconheçam a palavra pátria.²¹

Na nova versão do Jeca, uma narrativa impressa e distribuída aos milhares, durante décadas, como propaganda dos medicamentos Fontoura, e incluída neste mesmo volume, *Problema vital*, a personagem talhada a golpes de martelo em 1914 passa a ser carinhosamente designada Jeca Tatuzinho e tem nas doenças de que é vítima a causa de sua indolência. Segundo Marisa Lajolo

o Jeca Tatuzinho promovia então a venda da Ankilostomina e do Biotônico, louvados pelo Jeca como remédios milagrosos para verninose e anemia. E, com a recuperação da saúde, o Jeca adquire um nível exemplar de cidadania: assumindo a bandeira de seu narrador, o curado e enriquecido caboclo leva, entre a carga de seu caminhão, grande estoque de produtos Fontoura, com os quais redime a saúde nacional, e por tabela, a situação do camponês brasileiro.²²

Este percurso do personagem seria sintetizado por Marcos Chor Maio, cientista político e pesquisador da Fiocruz: “Condenado pela raça, salvo pela Ciência”²³.

¹⁹ LOBATO, *Problema vital*, p. 285.

²⁰ apud CAVALHEIRO, *Monteiro Lobato: vida e obra*, p. 235-6.

²¹ LOBATO, “Primeiro passo”, in *Problema vital*, p. 270.

²² LAJOLO, “Jeca Tatu em três tempos”, p.102.

²³ Notas tomadas na conferência proferida no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, em 2001.

Nos anos 40, Jeca Tatu ressurgiu metamorfoseado em Zé Brasil, na forma um livrinho simpático a Luís Carlos Prestes, mais tarde incluído no volume póstumo *Conferências, artigos e crônicas*, no qual a questão agrária é apontada como o centro do problema e que, publicado pela editora Vitória, ligada aos comunistas, acaba proibido pela Censura e recolhido, o que serve de propaganda e o torna um sucesso clandestino.²⁴

Entre a primeira e a última versão, passaram-se mais de trinta anos durante os quais Lobato pôde experimentar muita coisa e refazer a imagem do caipira, de seu modo de vida, de sua relação com o ambiente, de seus conhecimentos tradicionais. De um ponto de vista a princípio eivado de preconceitos, vai evoluindo para um olhar mais atento e cuidadoso, para chegar ao respeito e à busca da compreensão. *Zé Brasil* é o último livro que Lobato publica em vida, já adoentado, vindo a falecer meses depois.

Os matizes que Lobato foi incluindo em sua palheta de escritor (para usar a feliz expressão registrada em *Furacão na Botocúndia*, como veremos no próximo capítulo) correspondem a diferentes momentos da história nacional e de sua trajetória pessoal, e propõem diferentes soluções para o mesmo problema: a precariedade das condições de vida da parcela mais pobre da população do país.

Também na língua literária Lobato quer ver este segmento social representado. É constante seu interesse pelo registro coloquial da língua portuguesa – que prefere chamar língua brasileira – e pela tensão entre oralidade e língua escrita, incontornável num país em que a maior parte da população é analfabeta. Muitas vezes Lobato defende, em seus textos, o “abrasileiramento” da língua literária, como no artigo “O nosso dualismo”, publicado no *Diário da Noite*, em março de 1926, no qual aponta a necessidade de que os escritores se aproximem da língua usada pelos brasileiros e o importante papel que o futurismo de Oswald de Andrade poderia ter nessa aproximação:

Esta brincadeira de crianças inteligentes, que outra coisa não é tal movimento, vai desempenhar uma função séria em nossas letras. Vai forçar-nos a uma atenta revisão de valores e apressar o abandono de duas coisas a que andamos aferrados: o espírito da literatura francesa e a língua portuguesa de Portugal. [...]

Porque é estranho isto de permanecermos tão franceses pela arte e tão portugueses pela língua, nós, os escritores, nós, os arquitetos da literatura, quando a tarefa do escritor de um determinado país é levantar um monumento que reflita as coisas e a mentalidade desse país por meio da língua falada nesse país.[...]

²⁴ LOBATO, *Conferências, artigos e crônicas*, p. 327-36.

A eterna queixa dos nossos autores, de que não são lidos, vem disso – dessa anomalia que eles não percebem. O público não os lê porque não lhes entende nem as idéias nem a língua.[...]

Este dualismo de mentalidade e língua tem que cessar um dia. Os gramáticos hão de convencer-se, afinal, de que a língua portuguesa variou entre nós, como acontece todas as vezes que um idioma muda de continente. [...]

Em casos tais, freqüentes na história, a regra é a língua velha ir ficando cada vez mais confinada entre os eruditos, enquanto a língua nova se expande no povo. Por fim vence o povo, que é o número e a força.²⁵

A busca de uma nacionalização da língua herdada do colonizador já se apresentava como projeto dos escritores brasileiros desde o Romantismo, e se constituiu numa das pedras de toque do movimento modernista. No ensaio “O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro”, Flora Süssekind aponta, entre os autores do século XIX, a correspondência do abasileiramento do idioma ao abasileiramento da paisagem e dos temas, que em geral serviam de “argumento para se afirmar a autonomia da literatura brasileira perante a portuguesa”. Daí a utilização de tupinismos, arcaísmos e neologismos, no plano vocabular, e a busca de uma escrita “com ritmo e prosódia peculiares”, que incorporava “marcas de oralidade propositais, como forma de afirmação da variante brasileira”.²⁶ Projeto persistente, que será também uma das marcas do modernismo literário brasileiro, e no qual Lobato se insere duplamente, na medida em que busca uma língua que expresse a realidade nacional e que possa ser compreendida por um grande número de falantes tradicionalmente alijados do universo da leitura. Desse modo, não apenas incorpora este projeto ao nível formal, como também o tematiza na sua ficção, em contos como “O plágio”, de *Cidades mortas*, e “O colocador de pronomes”, de *Negrinha*, atacando a superficialidade e o artificialismo da língua e da literatura praticadas pela elite desvinculada da realidade da maioria da população.

Em carta de Buenos Aires, onde estava residindo, enviada a Paulo Dantas em 1947 para informar seu retorno próximo ao Brasil, Lobato expõe de maneira curiosa sua concepção do que seja a língua:

Estou procurando casa em S.Paulo para voltar. Sinto-me aqui como bicho fora da goiaba. A goiaba é a Língua. Pátria é língua, pura e simplesmente. Fora da língua nativa ficamos como o bicho fora da goiaba. A solidão filológica é pior que a

²⁵ LOBATO, “O nosso dualismo”, in *Na antevéspera*, p. 112-113.

²⁶ SÜSEKIND, “O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro”, p. 457-458

solidão física.²⁷

Para quem, durante toda a vida, teve a língua como instrumento de trabalho e objeto de reflexão, a “solidão filológica” tinha que ser maior que qualquer outra. Com o bom-humor que sempre o caracterizou, a pátria configura-se como a língua materna, uma goiaba sem a qual o bicho Lobato não é nada.

Tendo acompanhado e participado do acidentado processo de industrialização do país, com toda sua carga de acirramento das desigualdades sociais, Lobato fez e refez opiniões e pontos-de-vista, revendo e alterando seu projeto de nação e suas idéias sobre o que seria o “povo brasileiro”, contribuindo com sua atividade editorial e literária, tendo papel e tinta como suportes, para a divulgação de idéias comprometidas com a construção da tão almejada identidade nacional.

²⁷ LOBATO, *Cartas escolhidas*, 2. t., p. 220-221.